

Jornal da Tarde

2/2/1985

Um perigo?

Um homem, provocando medo e acusações.

Zé de Fatima que se cuide. Hoje, ele é a grande ameaça para os novos tempos de negociação no campo, na região de Ribeirão Preto. Usineiros, fornecedores e sindicalistas da região (ligados à Conclat) vêm nele e na sua liderança inimigos perigosos. Zé de Fátima, o maior cortador de cana da região, homem de mínimas letras, é ligado à CUT e ao PT. Fundou, aclamado por um grupo de trabalhadores, um sindicato livre na cidade de Guariba, abrindo uma dissidência no sindicato de Jaboticabal, a sede, que é dirigido pela Conclat. E acusado (mas ele não assume) de ter iniciado a greve de janeiro, uma greve de desempregados que ocorreu no começo da entressafra. "Greve burra", dizem usineiros e fornecedores em coro. "Não se faz greve na entressafra."

A greve fracassou, não teve adesão da maioria. Afirmam os produtores que eles, "politicamente", concederam alguma coisa para não desmoralizar o "outro lado". Mas a greve foi violentamente reprimida pela polícia, ganhou as televisões do País inteiro, deu um pouco mais de insônia ao governador Montoro, transformou Almyr Pazzianotto (que acabou negociando) num superministeriável. E difundiu o medo entre as partes interessadas na negociação.

Todo esse medo acabou concentrando-se na figura carismática de Zé de Fátima.

Politicamente, a sua posição parece muito simples. Ele está à esquerda do movimento, com o seu sindicato livre, apoiado pelos desempregados, sobretudo. E há, entre seus homens uma evidente conscientização política, que inclui algumas tática mais sutis, como a de levantar dúvidas, em voz alta, sobre a harmonia conjugal dos soldados da PM destacados para "garantir a ordem".

— Vocês aí, fora de casa, e tua mulher, ó...

Os soldados confessaram depois que ficaram cegos na hora da repressão.

Quantas horas de trabalho?

Sempre político, Zé de Fátima ameaça. "Se não derem o que nós pedimos, que é muito pouco, a reforma agrária vai sair, mas vai sair pelas mãos do povo. Quem tem fome, faz o que não quer".

Nada mais irritante para um produtor. Mas Zé de Fátima está exercendo o seu papel, de líder mais à esquerda. O apoio da maioria já é outra história. Isso, a Conclat, ou PMDB, não lhe entregará facilmente o que ele quer, realmente?

"Pouco", ele diz. "Um salário mais justo, melhores condições de trabalho, melhores condições de transporte e diminuição das horas de trabalho." Esse último item ele faz questão de esclarecer: "Tem empresa aí que paga por nove horas e meia, e o trabalhador fica 13 horas. Nós queremos ganhar essas 13 horas".

Quanto à greve, de que é acusado, ele sai fora:

"Quem começou a greve foi o prefeito do PMDB daqui de Guariba, Evandro Vitorino. O PT e a CUT souberam da greve quando ela já estava andando. O prefeito queria testar o sindicato livre. O sindicato, realmente, não estava preparado para uma greve agora".

Almir Pazzianotto, o secretário das Relações do Trabalho, também é criticado pelo líder dissidente. "Ele não fede nem cheira. O acordo de Guariba, que todo mundo elogiou, não foi homologado. Os patrões pagaram porque quiseram. Ficou no ar."

O líder defende a posição do fornecedor, diz que é muito mais fácil conversar com ele. Mas não poupa o usineiro: "São os maiores ditadores, fazem chantagem com o fornecedor. A cana do fornecedor tem um preço, mas, pra valer, é combinado com o usineiro. Dança a parte mais fraca".

Pior é a inflação

Qual a opinião de um outro presidente de sindicato, Alcídio Ferreira, o Cidão, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sertãozinho?

"O que houve aqui foi a fome. Com fome, é fácil entrar numa greve."

Mas, para Cidão, o problema não é o usineiro, ou o fornecedor, ou o governo estadual.

"É a inflação. Você trabalha só para gastar. Antigamente, ganhava-se bem na safra, dava até para juntar alguma coisa."

Mas Cidão, decididamente um moderado, tem esperanças nas negociações que se iniciarão a 15 de fevereiro para a próxima safra. Ele também não culpa o fornecedor de cana. Sente que o fornecedor está muito apertado pelos preços, que faz o possível para cumprir os acordos, "mas os usineiros estão muito mais organizados".

Os fornecedores, segundo Cidão, tem trabalhado diretamente com as firmas empreiteiras de mão-de-obra, e por isso o relacionamento torna-se quase impessoal. De qualquer forma, a eliminação dessas firmas, ou dos gatos, é uma das próximas reivindicações dos trabalhadores.

Cidão, que conta com 2.900 associados no seu sindicato, dos quais 8% são de pequenos proprietários, está preocupado mesmo com a inflação. Reforma agrária? Cidão desconfia.

— Reforma agrária para me mandarem pro Amazonas, pro Mato Grosso, eu não vou aceitar. Quero terra aqui. Alguma mudança tem de haver. O Pazzianotto, pelo menos, vem e conversa. Mas eu nunca vi o Murilo Macedo por aqui.

Quanto à sindicalização do bóia-fria, o sindicalista já perdeu as esperanças.

— Eles não querem saber de se associar. E quando querem explodir, explodem que nem pólvora.

F.P.

(Página 2 — Caderno de Programas e Leitura)